

**Imunocromatografia, observações clínica, hematológica e  
bioquímica sérica de cães (*Canis familiaris*)  
com suspeita de cinomose  
GALANTE AC**

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro  
Resumo de dissertação de mestrado em Ciência Animal  
Professora orientadora: Sílvia Regina Ferreira Gonçalves Pereira  
Julho de 2009

A cinomose canina é uma enfermidade infectocontagiosa de distribuição mundial. O agente etiológico é um vírus-RNA, helicoidal e envelopado, classificado na ordem *Mononegavirales*, família *Paramyxoviridae*, gênero *Morbillivirus*, espécie *Canine distemper virus*. A família *Paramyxoviridae* é composta por vírus responsáveis por grande parte das viroses que acometem tanto animais quanto humanos. Dentre as viroses ocasionadas, encontram-se: a parainfluenza, o sarampo, a caxumba, a doença de Newcastle e a cinomose canina. Esta última é uma das moléstias virais mais importantes dos caninos domésticos, pelas altas taxas de morbidade e letalidade. Geralmente, esta infecção viral acomete cães jovens não vacinados ou com falha vacinal, embora animais adultos e vacinados não estejam livres. Ainda que haja vacinas efetivas para prevenção e controle da cinomose canina, muitos animais ainda morrem devido à virose. O diagnóstico da cinomose canina na cidade de Campos dos Goytacazes, como na maioria das cidades do Brasil, baseia-se no histórico, sintomatologia clínica, hemograma e bioquímica do sangue. O presente trabalho objetivou realizar diagnóstico rápido e específico da cinomose canina, por meio de um *kit* diagnóstico fundamentado no método imunocromatográfico, técnica que detecta qualitativamente o antígeno do CDV, em cães com suspeita clínica da doença. Realizaram-se *swabs* conjuntivais e colheita de líquido para testar os animais pela técnica. Paralelamente, observaram-se clínica, hematológica e bioquimicamente os cães positivos para a cinomose canina. Entre março e novembro de 2008, foram diagnosticados clinicamente positivos para cinomose canina 64 cães, mas, em apenas

30, o resultado confirmou-se pela imunocromatografia (46,87%). Não houve prevalência, pela imunocromatografia, quanto à idade, sexo e raça no grupo dos positivos. Várias raças foram examinadas (fila, pastor belga, labrador, pit bull, poodle e pinscher), porém, 40% dos animais positivos foram aqueles sem raça. A estação do ano teve relação com a frequência da cinomose canina, estando associada à primavera (50%). A falha no esquema vacinal não foi estatisticamente diferente entre positivos e negativos. Nenhum sinal clínico (sistêmico ou neurológico) apresentou diferença significativa entre positivos e negativos, demonstrando que o diagnóstico baseado apenas nos sinais clínicos observados gera uma grande possibilidade de falso positivo. Secreção ocular, diarreia, febre e secreção nasal foram as alterações sistêmicas mais comuns. As alterações neurológicas mais comuns foram paresias, mioclonia, incoordenação, opistótono e nistagmo. O hemograma apresentou características associadas à positividade da cinomose canina. Na série vermelha, as alterações não foram significativas quando comparados positivos e negativos. Na série branca, houve alterações associadas à positividade da cinomose canina, mais especificamente a neutrofilia e a linfopenia (56,7% em ambas). As plaquetas não apresentaram alterações significativas quando comparados positivos e negativos. Quarenta por cento dos cães positivos apresentaram a infecção viral concomitante com hemoparasitoses. As alterações bioquímicas não puderam ser associadas à presença do CDV. Concluiu-se que os sinais clínicos devem servir apenas como uma triagem para o diagnóstico laboratorial e não como uma forma de diagnóstico definitivo. Sempre que possível, o Clínico Veterinário deve realizar o diagnóstico laboratorial *ante mortem* da cinomose canina. O ensaio imunocromatográfico mostrou-se rápido e de fácil realização.

Palavras-chave: virologia, clínica médica, *paramyxoviridae*, canídeos

Autora: Aline Carvalho Galante

Email: alinegalante@gmail.com